

‘Solidariedade internacional que Cuba recebe é retribuição por compromisso internacionalista’, diz ex-ministro cubano Abel Prieto

Por Katarine Costa · 01/06/2026

Atravessando o que é considerado um dos piores momentos de sua existência desde a revolução de 1959, [Cuba vem recebendo](#) sinais de solidariedade vindos do exterior que são, em certa medida, uma forma de países que já se beneficiaram com o compromisso cubano com o internacionalismo retribuírem a ajuda. Essa é a opinião do ex-ministro da Cultura de Cuba, Abel Prieto.

“Hoje, Cuba está recebendo muita solidariedade. Sem dúvida nenhuma, do mundo inteiro, do Brasil, do próprio Lula, de Claudia Sheinbaum [presidente mexicana], da Rússia; realmente de países que têm uma afinidade com Cuba e que, de algum modo, [retribuem o que Cuba fez em termos solidários](#)”, disse Prieto ao **Brasil de Fato**.

Em São Paulo para participar da conferência “A Saída é Pela Esquerda – *Goodnight, Far Right*”, organizada pela Fundação Rosa Luxemburgo, Prieto explica que o compromisso cubano com o internacionalismo, ou o princípio político que defende a cooperação, a união e a solidariedade entre diferentes nações como forma para a resolução de problemas globais, norteou a Revolução desde o começo.

“Fidel dizia: ‘Médicos e não bombas’. A humanidade precisa de médicos e não de bombas. As bombas podem matar os famintos, os pobres, os enfermos, mas não podem matar a fome, a pobreza e a enfermidade”, disse ele.

Na entrevista, ele analisa o momento vivido, as ameaças dos Estados Unidos e [como o povo cubano vem dando demonstrações de unidade](#) em defesa de sua soberania. Leia abaixo:

Brasil de Fato: Qual importância tem o internacionalismo para Cuba neste momento de pressão por parte do governo estadunidense de Donald Trump?

Abel Prieto: Vejamos, hoje, Cuba está recebendo muita solidariedade, sem dúvida nenhuma, do mundo inteiro. Do Brasil, do próprio Lula, [de Claudia Sheinbaum](#), da Rússia; realmente de países que têm uma afinidade com Cuba e que, de algum modo, retribuem o que Cuba fez em termos solidários.

E isso realmente é muito importante porque, indiscutivelmente, este de agora é um momento de enorme perigo para nós. Estamos vivendo um cerco implacável. Ao bloqueio tradicional, somou-se um bloqueio energético. Ou seja, há uma intenção explícita, óbvia, de asfixiar a economia cubana, de asfixiar Cuba em termos de carência absoluta de combustível; é o que estão fazendo. E tem o componente das ameaças permanentes.

Diante das constantes declarações de Donald Trump e Marco Rubio de que Cuba é um Estado falido e de que seria fácil tomá-la pela força, qual é a posição oficial do governo cubano?

O primeiro-secretário e presidente, Miguel Díaz-Canel, reitera que Cuba sempre esteve disposta ao diálogo, uma postura que remonta à época de Fidel Castro e teve continuidade com Raúl Castro — o qual, inclusive, alcançou avanços pontuais

nas relações com o governo de Barack Obama.

A diretriz atual permanece clara: [o país está disposto a dialogar com os Estados Unidos](#) e a encontrar fórmulas de cooperação, desde que isso não envolva colocar na mesa de negociação os princípios soberanos ou o modelo político cubano. Rejeita-se, categoricamente, a lógica de hegemonia global que a liderança estadunidense tenta impor.

Como a população cubana tem reagido a essas pressões externas?

O povo cubano tem respondido com manifestações massivas de unidade e firmeza. As celebrações do 1º de Maio contaram com uma adesão extraordinária em todo o país. Além disso, o processo “[Minha Assinatura pela Pátria](#)” — convocado por sindicatos, comitês de defesa e pela sociedade civil — reuniu 6.300.000 assinaturas vinculadas a documentos de identidade, conferindo ao ato um caráter institucional de compromisso com a defesa da soberania.

Essa atitude reflete o conceito de Fidel Castro sobre o “sentido do momento histórico”, que se traduz na capacidade da população de compreender o que é imprescindível em cada conjuntura: neste caso, enviar uma mensagem de coesão e apego ao socialismo frente às hostilidades.

Como foi o impacto em Cuba do sequestro de Nicolás Maduro, que era protegido, inclusive, por cubanos?

No dia 3 de janeiro, [32 cubanos que integravam a equipe de segurança pessoal do presidente Nicolás Maduro](#) faleceram em combate em Caracas, após um ataque perpetrado pelos Estados Unidos. O episódio gerou profunda indignação popular. O contingente era composto majoritariamente por jovens e alguns oficiais experientes.

Os restos mortais chegaram a Cuba em 15 de janeiro e foram velados no saguão do Ministério das Forças Armadas Revolucionárias (Minfar). A população de Havana compareceu em massa, enfrentando condições climáticas adversas de chuva e frio para prestar homenagens das 7h às 21h. No dia seguinte, 16 de janeiro, o presidente Díaz-Canel discursou na “Marcha do Povo Combatente”, um ato nacional que marcou o sepultamento dos combatentes em seus municípios de origem.

Posteriormente, em 28 de janeiro, a tradicional “Marcha das Tochas”, organizada por jovens na escadaria da Universidade de Havana em homenagem ao nascimento de José Martí, registrou uma das maiores participações da história recente, demonstrando que a sociedade rejeita a divisão interna.

Como o governo avalia a atuação da oposição cubana no exterior e o ambiente criado nas redes sociais?

Esse cenário de resistência contrasta com a atitude de indivíduos nascidos em Cuba que, alinhados a figuras como Marco Rubio, defendem intervenções militares e bombardeios contra o próprio país. Esse extremismo, concentrado sobretudo em núcleos de migração em Miami, manifesta tendências de ultradireita e utiliza as redes sociais para criar um ambiente tóxico global e internamente.

[Casos de fatalidades médicas na ilha](#), decorrentes da escassez crônica de insumos gerada pelo próprio bloqueio, são frequentemente instrumentalizados politicamente nessas plataformas para projetar uma imagem de insensibilidade governamental, visando provocar uma explosão social.

Atualmente, a situação socioeconômica de Cuba está mais grave do que o “Período Especial” da década de 1990?

Sim, o cenário atual apresenta dificuldades superiores às da década de 1990. Naquela época, embora houvesse crise, o sistema de transporte urbano não havia colapsado totalmente como agora, quando a mobilidade depende majoritariamente de bicicletas e o combustível é escasso e inflacionado. Além disso, os anos 90 contavam com maior disponibilidade de medicamentos. Atualmente, as restrições financeiras impedem a importação de componentes básicos até para os remédios fabricados localmente.

O setor do turismo sofreu uma retração drástica devido às sanções. Cidadãos da União Europeia, por exemplo, perdem o direito ao visto facilitado de entrada nos Estados Unidos (Esta) caso visitem ou transitem por Cuba. Adicionalmente, as vias formais para o envio de remessas e as transações bancárias globais foram bloqueadas pela inclusão de Cuba na lista de Estados patrocinadores do terrorismo.

De que forma as campanhas externas têm afetado a cooperação médica internacional de Cuba?

Há uma perseguição sistemática aos serviços médicos internacionais, liderada por figuras políticas estadunidenses. Essa pressão forçou países como Honduras, Guatemala e, anteriormente, o Brasil a encerrarem os programas de cooperação médica, privando as populações carentes de atendimento e reduzindo a arrecadação de divisas de Cuba. Apesar das investidas, a maioria das nações do Caribe manteve os convênios com dignidade.

Quais são as medidas de preparação de Cuba diante da ausência de diálogo e da possibilidade de uma agressão militar?

Na ausência de canais de diálogo, o país trabalha na preparação para a defesa com base na doutrina militar da “Guerra de Todo o Povo”, idealizada por Fidel

Castro. Trata-se de uma estratégia de defesa territorial em que os municípios são estruturados em zonas descentralizadas, com reservistas próprios e estoques de alimentos, medicamentos e abrigos para a população civil.

Embora Cuba não compita em tecnologia militar com os Estados Unidos, essa organização visa inviabilizar uma ocupação territorial. A principal preocupação reside em ataques aéreos ou com drones que possam atingir infraestruturas críticas, como [as usinas termelétricas](#), afetando diretamente as condições de vida da população. Em termos internacionais, o país defende que não constitui uma ameaça bélica, mas sim uma referência moral baseada no internacionalismo e na solidariedade.

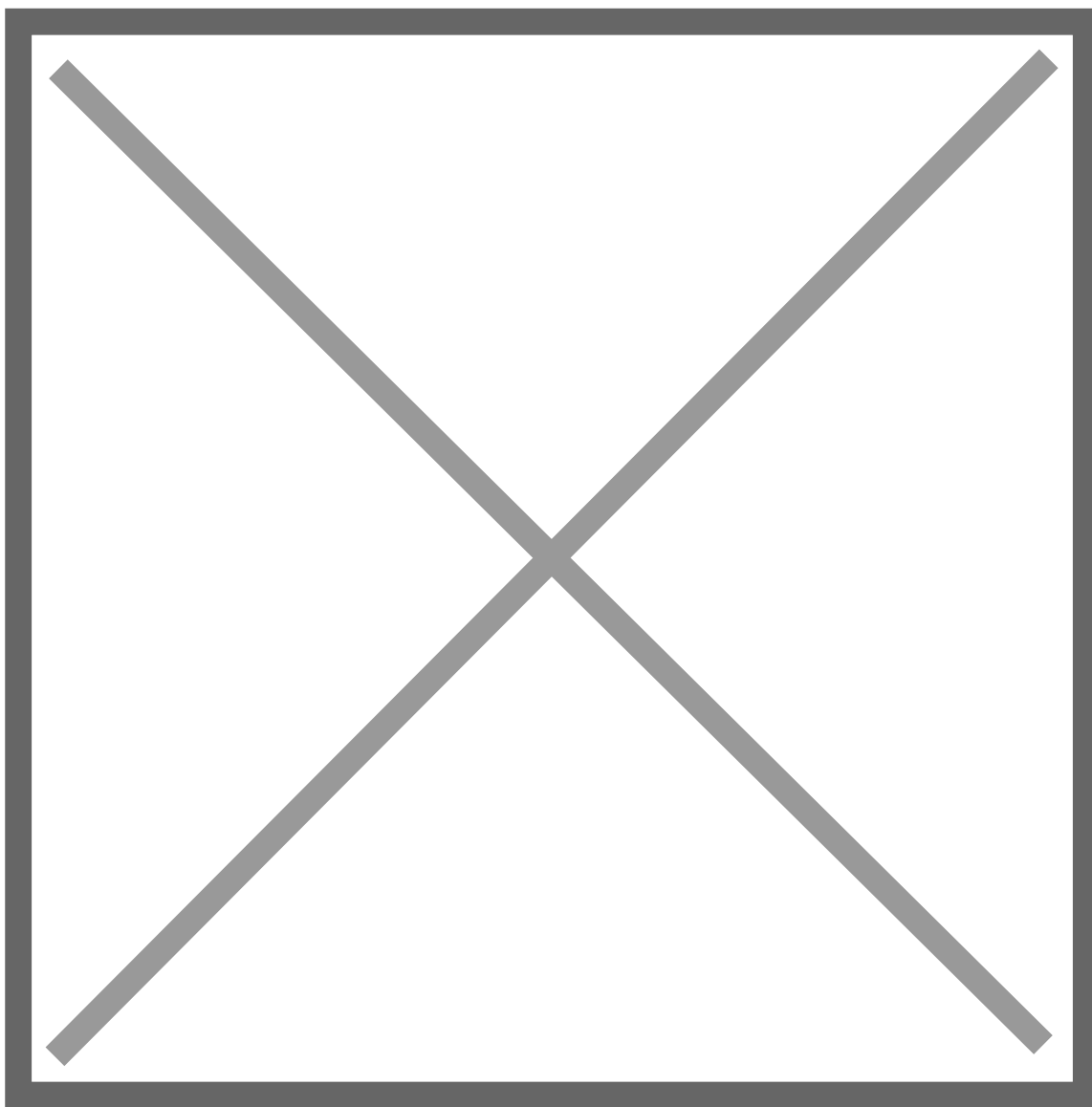
Como tem se desenvolvido a solidariedade internacional com Cuba este ano, paralelamente aos investimentos do país na transição para a energia solar?

Enquanto o país avança na transição de sua matriz energética com a instalação acelerada de painéis solares, o movimento de solidariedade internacional tem registrado uma importante renovação geracional, com expressiva participação de jovens da Europa e das Américas, inclusive dos Estados Unidos.

No início do ano, o comboio “Nossa América” cumpriu agenda na ilha, participando de encontros com o presidente Díaz-Canel no Palácio de Convenções e de atividades no Instituto Cubano de Amizade com os Povos (ICAP). Destaca-se também o apoio vindo do México, onde movimentos sociais e cidadãos organizaram grandes coletas públicas de alimentos, roupas e medicamentos na praça do Zócalo, consolidando o rechaço internacional às medidas de isolamento impostas a Cuba.

**Esta produção é uma parceria entre Fundação Rosa Luxemburgo e Brasil de Fato.*

Editado por: Thaís Ferraz



A Saída é pela Esquerda dia 16.05.2026 Fotos: Mathilde Missioneiro

@mathildemissioneiro.photo